

A fazenda Bom Retiro na rota da riqueza do café?



48

Quando a cultura do café se espalhava por todo o Vale do Paraíba fluminense no início do século XIX, foi na cidade de Bananal, na província de São Paulo, que o grão teve sua primeira e mais importante lavoura em terras paulistas, alcançando a maior produção de toda a província.

A partir de então, grandes transformações aconteceram na paisagem, nas relações humanas e na economia, com a substituição da cultura da cana-de-açúcar pelos cafezais. Em 1836, o café era a principal base econômica do país, e pelos portos de Parati, Mambucaba, Ubatuba, Jurumirim, São Sebastião e Ariré foram exportadas 510 mil arrobas do grão, vindo principalmente do Vale do Paraíba paulista, contra 8 mil arrobas de açúcar.

Em 1854, a produção total de café nessa região da província de São Paulo foi de 2.730.000 arrobas e o município de Bananal, sozinho, exportou naquele ano a extraordinária cifra de 554 mil arrobas do grão.

Os engenhos de açúcar e aguardente foram se adaptando para o beneficiamento do café, com a construção de

tanques imensos para a lavagem do grão após a colheita; os primeiros terreiros para secar café, inicialmente construídos em pedra, depois em lajotas e, mais tarde, em macadame; e tulhas. Houve também a aquisição de tropas de burros para fazer o transporte da colheita da fazenda até os portos e, em consequência da grande produção cafeeira, o aumento da mão-de-obra escrava.

De repente, o Vale do Paraíba transformou-se no grande eldorado brasileiro, e surgiam pessoas de toda parte. Posseiros e famílias inteiras de mineiros, entre outros, aportavam naquelas terras, derrubavam matas, abriam lavouras, lançando as primeiras sementes, e, alguns anos depois, começavam a enriquecer com a preciosa rubiácea.

Foi nesse contexto que Antônio Barbosa da Silva, procedente de Sabará, Minas Gerais, chegou a Bananal em 1813 e se casou com dona Placidina Carolina Nogueira, filha do capitão Hilário Gomes Nogueira, proprietário da fazenda das Três Barras. É bem provável que as terras onde Antônio estabeleceu sua lavoura de café tenham sido recebidas como dote por ocasião de seu casamento.



Embora Antônio descendesse de uma família abastada, a implantação de uma fazenda de café não era tarefa simples e de baixo custo. São citadas com frequência as condições precárias em que viviam os pioneiros, residindo em casas provisórias junto com seus primeiros escravos.

Após as primeiras colheitas, era hora de construir a casa de moradia e estabelecer a família. As residências rurais do período cafeeiro receberam a influência dos estilos arquitetônicos trazidos dos engenhos de açúcar, das casas urbanas e das construções europeias, adaptando-se às necessidades para o beneficiamento do café e formando um conjunto de edificações funcionais.

A casa de moradia refletia a opulência de muitos fazendeiros, que podia ser visualizada nos detalhes: sacadas de ferro, alpendres, copiães, colunas em pedra lavrada, forros de tábua decorados, pintados e frisados com ouro; capelas internas ou externas ricamente ornadas; salas com paredes pintadas conforme a sua função (sala de música com instrumentos musicais, sala de jantar com frutas, paisagens, pássaros, e sala de visitas com frontões, guirlandas, bosques, flores e borboletas) – todos executados por pintores estrangeiros.

A arquitetura da casa da fazenda Bom Retiro é muito singular em relação a de outras propriedades do Vale do Paraíba. Apesar de seguir o estilo neoclássico, chama a atenção o enorme vão central pelo qual entravam, pela frente da casa, carros (carruagens, caleches) e outros meios de transporte e saíam nos fundos, onde ficava o terreiro de secar café. Esse tipo de edificação nos remete às grandes construções europeias que permitiam a entrada de veículos por um pátio interno. Aqui, depois de passar por aquela entrada, vislumbrava-se o terreiro de café e a imensidão da paisagem do vale. À direita, ficavam a cozinha e a despensa; à esquerda, salas que

deviam servir como ambiente para receber mercadores, viajantes e pessoas estranhas à casa. E dali uma escada levava ao segundo piso, ambiente reservado à família.

Como foram os negócios de Antônio Barbosa da Silva? Teria sido um grande e opulento cafeeiro, como os Almeida da fazenda Boa Vista ou os Valim da fazenda do Resgate? É muito difícil precisar a trajetória de sua família, mas o certo é que ele passou boa parte da vida em meio a dívidas, que deixou para seus herdeiros.

Em 1849, Antônio hipoteca a propriedade ao senhor Manoel José de Bessa. Nessa época, a fazenda possuía 240 escravos.

Dez anos mais tarde, seu filho Antônio Barbosa da Silva volta a hipotecar a Bom Retiro e suas outras propriedades, agora a João Henrique Ulrich e Cia. A fazenda tinha então 1.500 braças em quadra, 200 mil pés de café, casa de sobrado de vivenda, quadrado de senzalas, tulhas de café, paióis, engenho de café e de cana, alambique e lavadores de café, sendo um terço das terras em mata virgem. A fazenda Santa Anna possuía 70 braças de testada por 1.500 de fundos, 50 mil pés de café, casa de vivenda, senzalas, tulhas, moinhos, despoldadores de café e engenho de cana. E a da Cascata, 500 braças de testada por 1.500 de fundos, entre 750 e 800 mil pés de café, casa de sobrado de vivenda, senzalas, moinho, engenho, tulhas, paióis, lavadores de café e terreiros, mata virgem e um total de 331 escravos.

Em 1860, o Almanaque Laemmert, registra que havia na fazenda Bom Retiro um professor de música chamado M. Soulier, levando a crer que a residência possuía um piano. Mas em 1875, ao ser aberto o inventário de Antônio Barbosa da Silva (filho), nele não consta este instrumento, e a relação dos bens impressiona pelo empobrecimento da fazenda, que tinha então somente 79 alqueires de terras, 30.100 pés de café, 58 escravos e o total de bens avaliado em apenas 143:313\$000 contos de réis. Seu filho, o Dr. Brás Barbosa da Silva, sucedeu-lhe na administração da fazenda, mas a propriedade acabou sendo executada. €